

*Reflexões Espíritas
sobre a
Sexualidade*

Luiz Guilherme Marques

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

REFLEXÕES ESPÍRITAS SOBRE A SEXUALIDADE

Luiz Guilherme Marques

1ª edição – 2005

Contato: lgm@artnet.com.br

Digitalizada por:

L. Neilmoris

© 2008 - Brasil

Reflexões Espíritas
sobre a
Sexualidade

Luiz Guilherme Marques

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”.

Jesus

“Sexo e amor são duas forças quase antagônicas; o amor, em sua essência, nada tem a ver com o sexo: a manifestação sexual nos exterioriza um sentimento de posse, ao passo que o amor é doação; o sexo se traduz por conquista, o amor é renúncia... Tanto quanto as demais possibilidades do espírito, o sexo está sujeito a conseqüente sublimação. Quando se fala em sexo, não conseguimos admiti-lo, em seu exercício, a não ser como ele ainda é praticado pelos seres humanos, ou seja, muito próximo da forma com que os próprios animais o executam, em obediência ao instinto de reprodução... No ser humano, acrescenta-se o ingrediente do prazer; todavia que é o prazer, senão uma sensação e não um sentimento? Sexo é sensação, amor é sentimento... Os dois coexistem e coexistirão, até que, um dia, o amor se despoje completamente; na verdade, tudo que se refere a sexo passa; é um prazer que carece de ser renovado com freqüência, porquanto não basta a si mesmo... Só o amor é capaz de gerar para si a própria alegria! Somente o amor se basta!...”

Inácio Ferreira

*“Quase 90% das doenças mentais têm como causa
desajustes da área sexual.”*

Inácio Ferreira

“O desconcertante culto ao corpo e ao endeusamento pessoal tem arrastado multidões inexperientes aos transtornos psicológicos de natureza grave, bem como a enfermidades perversas resultantes do mau uso da organização somática.”

Joanna de Ângelis

DEDICATÓRIA:

- a Terezinha, minha esposa
- a Tereza Cristina e Jaqueline Mara, minhas filhas

ÍNDICE

Introdução	– pag. 10
1 - A Atividade Intelectual	– pag. 15
2 - A Vida Afetiva	– pag. 17
3 - A Atividade Física	– pag. 18
3.1 - Os Trabalhos Físicos	– pag. 18
3.2 - A Atividade Esportiva	– pag. 19
4 - A Atividade Sexual	– pag. 20
4.1 - A Castidade	– pag. 20
4.1.1 - A Alimentação	– pag. 21
4.2 - O Sexo com Finalidade Meramente Reprodutiva	– pag. 22
4.3 - O Sexo Objetivando a Reprodução e o Prazer	– pag. 22
4.4 - O Sexo Objetivando a Somente o Prazer	– pag. 23
4.4.1 - A Mulher Adúltera	– pag. 26
4.4.2 - Maria de Magdala	– pag. 30
4.4.3 - Santo Agostinho	– pag. 34
4.5 - O Tantrismo	– pag. 35
4.6 - Os Desvios Sexuais	– pag. 40
4.6.1 - Sadomasoquismo	– pag. 41
4.6.2 - Fetichismo	– pag. 41
4.6.3 - Travestismo	– pag. 41
4.6.4 - Narcisismo	– pag. 42
4.6.5 - Sodomia	– pag. 42
4.6.6 - Complexo de Édipo	– pag. 43
4.6.7 - Complexo de Electra	– pag. 44
4.7 - Homossexualismo	– pag. 44
5 - A Vida Espiritual	– pag. 46
Conclusão	– pag. 47
Nota	– pag. 48
Bibliografia	– pag. 49

INTRODUÇÃO

Tratando-se este de um texto espírita, nenhuma introdução melhor que as questões 200 a 202 de **O Livro dos Espíritos**, que tratam da sexualidade, esclarecida à luz da ética cristã e dos postulados da reencarnação e da evolução espiritual rumo à perfeição infinita.

Até hoje a sexualidade é tabu, tratado pela maioria dos religiosos como coisa abominável e abordado pelos hedonistas sem a seriedade que o assunto merece.

Na literatura espírita há poucos autores que tratam desse importante tema, os quais procuramos consultar para bem informar os nossos Leitores e Leitoras.

Vamos, então, ao texto da Codificação Kardequiana:

200. Têm sexos os Espíritos?

"Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos."

201. Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

"Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres."

202. Quando errante, que prefere o Espírito; encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

"Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar."

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como

cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.

Com base nessas informações temos que:

- 1) Os espíritos, em sua essência, têm sexo, não representado exteriormente por órgãos genitais, mas sim correspondente às características psicológicas de cada individualidade. Assim, nos espíritos que simpatizam mais com o estilo masculino, as virtudes tidas como masculinas (coragem, iniciativa etc.) apresentam maior relevo, enquanto que, nos Espíritos que se adéquam mais ao estilo feminino, ressalta um maior aperfeiçoamento das virtudes femininas (afetividade, paciência etc.). Dessa forma, a masculinidade e a feminilidade representam características interiores de cada individualidade.
- 2) O que atrai os espíritos entre si não é a exterioridade física mas sim a afinidade no pensar e no agir.
- 3) A escolha do sexo para o espírito que vai reencarnar não está sujeita aos preconceitos da nossa sociedade terrena, onde ainda prevalece o machismo. Essa escolha leva em conta a necessidade de evoluir rumo à perfeição, que só se alcança adquirindo todas as virtudes dos homens e das mulheres. Todos nós temos de renascer incontáveis vezes como homem e como mulher, tantas vezes quantas necessárias para nos tornarmos mais próximos da perfeição.
- 4) Não se deve supervalorizar o sexo físico, que é, em última instância, um instrumento para as tarefas específicas da paternidade ou maternidade.

Na Terra o único espírito que seguiu uma trajetória retilínea é Jesus. Disse Ele frente aos acusadores da mulher adúltera: Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra. Admitindo Sua lição como um postulado do Código Divino, não nos é lícito estigmatizar nossos irmãos e irmãs em humanidade pelos equívocos cometidos na área sexual, pois estamos tão confusos quanto eles ou já o estivemos tanto ou mais que eles no passado próximo ou remoto. Essa a informação inicial que deve ser passada a quem quiser estudar o tema sexualidade.

Outro tópico importante é a importância da sexualidade equilibrada para uma vida saudável. Em caso contrário, causamos danos sérios ao nosso psiquismo e ao nosso organismo.

Américo Domingos Nunes Filho (2004:32) ressalta a importância da idéia da reencarnação para a compreensão das variantes da sexualidade:

“Seria muito importante que todos os estudiosos da área sexual tivessem conhecimento da reencarnação”.

Sem essa noção, a verdadeira essência dos problemas fica inatingível, porque os chamados desvios da sexualidade estão sedimentados nos equívocos geralmente sedimentados em vidas passadas.

O presente estudo, no entanto, não se baseou somente nos textos espíritas. Procuramos beber nas fontes de outras correntes de pensamento para informar nossos prezados Leitores e Leitoras de uma forma mais abrangente. Uma dessas fontes foi um dos expoentes da humanidade.

Gandhi [1] foi um dos homens mais importantes não só do século XX, mas de todas as épocas, cuja vida ele próprio transformou em um livro aberto para que todos ali pudessem ler nas suas confissões sinceras de fragilidade força interior, traçando parâmetros para a humanidade, porém com humildade e reverência sobretudo ao maior de todos – Jesus. Atingiu o ideal da castidade depois de muitos anos de aperfeiçoamento interior, como ele mesmo dizia. Desenvolveu a castidade como resultado natural do seu progresso espiritual, amando a humanidade toda, sem distinção. Não verificava mais em si a necessidade do contato carnal. No entanto, compreendendo que a maioria não tinha cabedal para viver essa realidade superior, admitia para as outras pessoas o exercício da sexualidade, porém apenas com a finalidade reprodutiva. Não aceitava como ética a idéia da procura do prazer sexual. Esse o parâmetro gandhiano, ou seja, uma realidade para homens e mulheres ainda muito acima da média humana da nossa época.

A grande maioria da humanidade não está em condição de viver nem a castidade, nem da prática do sexo somente com finalidade procriativa. A realidade é que a procura do prazer ainda pesa muito na estrutura psicológica da imensa maioria. Assim, ao lado do ideal de paternidade ou maternidade, procura-se o prazer nas relações sexuais.

Há, todavia, um número de pessoas que visa somente o prazer, desprezando o idealismo de ser pai ou mãe, o que representa uma estagnação espiritual de sérias conseqüências.

Outra forma de entender a sexualidade é representada pelo Tantrismo.

Assim, para efeitos didáticos, classificamos cinco vertentes:

- a) castidade,
- b) sexo com finalidade meramente reprodutiva,
- c) sexo objetivando a reprodução e o prazer,
- d) sexo objetivando somente o prazer,
- e) Tantrismo.

O Raja-yoga adota o princípio de que a energia do ser humano é única, não havendo uma energia para a atividade sexual e outra, separada, para o exercício espiritual. Assim diz **Romain Rolland** (2003:158):

“Gandhi quis endossar a teoria clássica do raja-yoga, segundo o qual o homem dispõe só de uma força, ou ojas, que pode ser empregada tanto em atividades sexuais (em pensamentos ou ações) como no processo espiritual. E, assim como, a cada momento, não se dispõe senão de uma quantidade limitada de forças, quanto mais for ela utilizada no campo sexual tanto menos fará no campo espiritual”.

Essa tese impressionou-nos e passamos a refletir sobre o assunto. Pensamos poder incluir nesse rol outras vertentes da atividade humana: a afetividade, as atividades intelectuais e os trabalhos físicos.

Continuando na pesquisa sobre a unidade da energia espiritual, deparamo-nos com a afirmativa de **Divaldo Pereira Franco**, que esclarece sobre a possibilidade de canalizá-la de uma vertente para outra:

O médium baiano de Feira de Santana (2004:58) diz:

*“Contou-me **Chico Xavier** como os Espíritos o ajudaram a transformar as suas energias sexuais em forças para a psicografia, e depois que ele me contou uma bela história que lhe foi narrada por **Emmanuel**, numa simbologia muito bonita, aprendi também a canalizar as forças sexuais, para que me dessem potência de voz, me ajudassem em outros ministérios”.*

Logo adiante (p. 59) esclarece que:

“Podemos canalizar essas energias com resultados muito saudáveis para a nossa permanente vitalidade”.

Assim, entendemos que a energia do espírito pode ser extravasada para:

- a) a atividade sexual,
- b) o exercício espiritual,
- c) a atividade física,
- d) a atividade intelectual,
- e) a afetividade.

A forma de utilizar essa energia demonstra o grau de perfeição de cada ser humana. Assim, que emprega sua energia de maneira egoísta e inconseqüente não pode achar que seja um primor de pessoa.

Concluimos que compensa organizar, em nossa vida, essa distribuição energética com racionalidade e bom senso para termos uma realidade feliz internamente e no contato com as pessoas.

Finalmente, sem pretensão de trazer nada de novo, esperamos que o presente estudo seja útil aos nossos prezados Leitores e Leitoras.

O autor

1

A ATIVIDADE INTELECTUAL

Não há dúvida de que qualquer atividade humana tem a participação da inteligência, não existindo nenhuma atividade puramente mecânica.

Qualquer atividade intelectual significa um gasto de energia, que pesa na economia geral do organismo e que carece de repouso e alimentação para se refazer.

Francisco Cândido Xavier disse, certa vez, que atualmente as pessoas têm menos vitalidade sexual porque despendem muito mais energia nas atividades intelectuais do que se fazia em tempos passados. Assim, pode-se concluir que os seres humanos se preocupam muito menos com a prática do sexo físico à medida que gastam sua energia em atividades intelectuais. É isso uma consequência natural do aperfeiçoamento do ser humano, que aos poucos se distancia da animalidade.

O desenvolvimento do ser humano na parte intelectual é fantástico perto do que se via em épocas passadas. Em poucos séculos a humanidade passou a conhecer muito mais do que em milênios anteriores. Esse progresso se faz em progressão geométrica.

A atividade intelectual é uma fonte de prazer, intenso, suave, altamente compensador.

Devemos procurar essa fonte de prazer: do nosso aprimoramento profissional, da boa leitura, da audição de músicas sublimadas, das conversas esclarecedoras, da reflexão sobre temas importantes para a vida, da transmissão desses conhecimentos às demais pessoas e outras tantas atividades intelectuais, que cansam, mas gratificam no momento em que as realizamos e na contemplação dos seus resultados opimos.

Imagine-se a satisfação interior que os intelectuais sentem durante seus estudos e trabalhos e quando estes estão completados.

Compensa gastar muita energia nas atividades intelectuais, investir muito no nosso desenvolvimento e assim mesmo fazer em relação às pessoas que nos cercam.

Veja-se o exemplo de Francisco Cândido Xavier sendo intermediário de centenas de livros para o progresso humano. Imagine-se seu grau de felicidade interior.

Temos de sublimar-nos e, aos poucos, ir deixando para trás o apego ao gozo físico, mais próprios dos seres pouco desenvolvidos. Não há mudança imediata, pois a Natureza não dá saltos, mas, quanto mais rápido transferirmos nosso interesse para atividades mais sublimadas, mais estaremos em contato com os prazeres imateriais, realmente compensadores.

2

A VIDA AFETIVA

A afetividade está presente em todas as atividades humanas, quaisquer que sejam e por mais que queiramos distanciá-la de nós.

Dentro da área da afetividade o Amor é a manifestação mais apurada.

Amar desgasta, cansa, extenua, mas é uma fonte de prazer.

O amor dos pais pelos filhos lhes tortura permanentemente o cérebro, tira-lhes a tranquilidade e o sono, mas sublima-os, transforma-os em verdadeiros representantes de Deus dentro do instituto da família.

O amor do profissional pelas pessoas que o procuram em virtude da profissão é para ele motivo de cansaço e desgaste, no entanto, transforma sua vida num sacerdócio.

Ninguém vive feliz a não ser imbuído de uma carga relevante de afetividade.

Quem não vive para servir não serve para viver. Servir é uma consequência da afetividade bem direcionada.

Neste setor também se gasta muito da energia espiritual. Gasta-se e se repõe, através das permutas afetivas com aqueles que nos dão afeto.

Francisco de Assis reabastecia-se afetivamente, energeticamente, até no contato com os seres inanimados, pelo muito que amava tudo que existe no mundo.

A sublimação da afetividade se consegue gradativamente através do amor por tudo o que existe.

3

A ATIVIDADE FÍSICA

A não ser que estejamos em repouso físico, nas demais situações desenvolvemos alguma atividade física.

Para melhor abordagem deste tópico, dividimo-lo em duas partes.

3.1 - OS TRABALHOS FÍSICOS

Muitas opções existem como formas de exercitar o corpo através do trabalho físico.

Há pessoas que exercitam o corpo no trabalho braçal, excelente fonte de saúde e de equilíbrio psicológico.

Grandes intelectuais não dispensam o trabalho físico por reconhecer seus benefícios.

Juana Inés de La Cruz tinha suas melhores inspirações para escrever enquanto cozinhava no convento onde habitava, no México.

Lev Tolstoi trabalhava nos serviços braçais em sua propriedade rural como um autêntico mujique (trabalhador da zona rural).

Paulo de Tarso sustentava a si próprio com a confecção de tendas.

O trabalho braçal, além do prazer que o acompanha, tem a grande vantagem da utilidade, o que geralmente não acontece com a prática esportiva.

Divaldo Pereira Franco, ao invés de exercitar o corpo na prática de esportes, mantém o vigor físico subindo morros para visitar pessoas doentes e necessitadas nas favelas.

Jesus exemplificou o trabalho físico exercendo a profissão de carpinteiro.

A aversão ao trabalho físico é mau sinal, que traz como conseqüências, no mínimo, a fraqueza e as doenças degenerativas.

No mar de conforto que a sociedade atual criou, temos de lutar contra a preguiça e procurarmos exercer atividades físicas para não chegarmos aos 40 anos de idade com a fraqueza das pessoas de 80.

O consumo de energia em trabalhos físicos retempera a mente, dá saúde ao corpo e diminui a libido.

Conta-se que **Emmanuel** aconselhava seu então jovem pupilo **Francisco Cândido Xavier** a desempenhar atividades físicas constantes para melhor controlar a libido.

3.2 - A ATIVIDADE ESPORTIVA

A prática de esportes deve visar a socialização das pessoas além de melhorar a saúde.

Existe um número muito grande de modalidades esportivas para os mais diversos gostos e aptidões.

Emmanuel adverte os adeptos dos esportes para não descambarem para o narcisismo e a supervalorização do corpo em detrimento do espírito.

Apesar de não praticarem a caminhada com finalidade esportiva, acreditamos que **Jesus**, **Gandhi** e **Sundar Singh** viam na caminhada uma fonte de prazer.

Os esportes devem ser saudáveis e nunca ter como pretexto a violência. Devem visar a alegre convivência das pessoas, interessadas na confraternização e na amizade.

O desgaste nos esportes deve visar também a diminuição da libido, canalizando-se energia mais para outras áreas mais nobres.

4

A ATIVIDADE SEXUAL

A prática do sexo ainda é uma necessidade para a maioria imensa da humanidade, como já vimos linhas atrás.

Convém-nos, assim, já que essa realidade é a nossa, procurar conhecer o assunto de forma mais aprofundada para melhor nos conduzirmos.

Abordaremos o tema na seqüência que nos propusemos na Introdução, para facilitar, aos prezados Leitores e Leitoras, a compreensão.

4.1 - A CASTIDADE

Os seres humanos mais evoluídos dedicam pouco ou nada de sua energia à pratica do sexo, uma vez que estão concentrados nos seus projetos avançados dentro da Ciência, da Religião etc. Consomem sua energia em áreas mais nobres. Já conseguiram superar a necessidade que a maioria ainda experimenta da prática do sexo físico. Essa é a categoria dos que chegaram ao nível de castidade espontânea.

Jorge Andréa dos Santos (2002:151) diz que:

“...a castidade pode ser desenvolvida, pela construção das energias sexuais no bem, quando essas forças da alma estiverem mais maduras para um direcionamento mais bem adequado.”

Há pessoas que se obrigam à castidade forçada, com resultados duvidosos, justamente porque essa situação ainda não é natural para elas.

O próprio **Gandhi**, como vimos na Introdução, deixou como opção, para as pessoas que não tinham condições de segui-lo no regime de castidade, a prática do sexo com finalidade apenas procriativa.

Paulo De Tarso também orientava:

“Mas, se não podem guardar a continência, casem-se. É melhor casar do que abrasar-se.”

A castidade está, realmente, ao alcance de muito poucos.

4.1.1 - A ALIMENTAÇÃO

Como visto, **Gandhi** praticava a castidade (Brahmacharya). Dizia que a alimentação é um excelente auxiliar, no entanto se o espírito está maduro. Dizia também da importância do jejum. Deu algumas informações quanto ao uso do leite: o regime lácteo torna difícil a observância do voto de Brahmacharya. Dizia, entretanto: Sabendo, embora, que o leite é em parte um estimulante, eu não aconselharia ninguém, no momento, a abster-se dele. **Gandhi** pesquisou sobre a influência dos alimentos sobre a sexualidade, mas não encontrou, dentro da realidade do seu país e da sua época, nenhum alimento que, ao mesmo tempo, desse vitalidade suficiente ao organismo sem estimular a libido.

De lá para cá talvez tenham surgido produtos mais adequados, mas essa questão fica um pouco à margem do nosso estudo.

Realmente, a alimentação deve ser planejada sempre que possível.

Gandhi também dizia que (1998:169):

“Só se pode alcançar a saúde perfeita vivendo em obediência às leis de Deus e desafiando o poder de Satã. A verdadeira felicidade é impossível sem uma verdadeira saúde, e a verdadeira saúde é impossível sem um controle rígido do sentido do gosto. Todos os outros sentidos estarão automaticamente sob controle se o gosto for controlado. E quem conquista seus sentidos conquista realmente o mundo todo, e se torna parte de Deus.”

A tese de **Gandhi** sobre a importância de dominar-se o sentido do gosto é relevante. Hoje em dia come-se compulsivamente, com a agravante da péssima qualidade dos alimentos, causadores de graves problemas físicos.

4.2- O SEXO COM FINALIDADE MERAMENTE REPRODUTIVA

O número de pessoas que pratica o sexo apenas com a finalidade reprodutiva é inexpressivo, pelo menos no mundo ocidental.

Gandhi (1998:174) afirmava que:

“O desejo sexual é uma coisa boa e nobre, não havendo nada de vergonhoso nele. Mas seu objetivo é apenas o ato de criação. Qualquer outro uso que se lhe der é um pecado contra Deus e contra a humanidade.”

Adotando essa forma de pensar, as pessoas praticariam o congresso sexual apenas quando estivessem visando a procriação, ou seja, em pouquíssimas oportunidades.

Assim, as trocas energéticas entre os parceiros ocorreriam por outros meios mais sublimados, o que, diga-se de passagem, poucas pessoas têm condições de realizar.

Mencionamos este tópico meramente como informação aos prezados Leitores e Leitoras, para completar nosso estudo sobre o assunto.

4.3 - O SEXO OBJETIVANDO A REPRODUÇÃO E O PRAZER

Como já dito, a maioria das pessoas pensa que a forma ideal de praticar a sexualidade é combinando o ideal de paternidade ou maternidade com a procura do prazer físico.

Diz **Jorge Andréa dos Santos** (2002:151):

“Quem não estiver preparado, pela própria evolução, não poderá dispensar ou afugentar o mecanismo sexual da zona física. Quem ainda não tiver suplantado as fases sexuais, nas suas duas polaridades, não terá condições de afastar-se das necessárias realizações na romagem física.”

É o retrato da nossa humanidade atual. Vivemos num mundo de provas e expiações. Temos muitas limitações morais, mas caminhamos para uma compreensão mais apurada das Leis Divinas, cujo resumo é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Se pensamos na infância acreditamos que só podemos fazê-lo tendo filhos da nossa própria carne.

No entanto, quem não consegue eximir-se da prática do sexo físico deve dar-lhe uma destinação útil. Que o sexo sirva para trazermos para o mundo os espíritos que precisam reencarnar.

Jorge Andréa dos Santos (2002:147) esclarece:

“Uma das grandes construções de que o ser pode participar é a do processo procriativo, pela oferta de um corpo ao espírito necessitado de experiências e realizações.”

Com o amadurecimento das criaturas, passam a sublimar os congressos carnais, transformando-os em trocas de energia com o parceiro ou parceira. No entanto, para que ocorram essas trocas em nível gratificante, é imprescindível a fidelidade. A substituição promíscua de parceiros ou parceiras impede o Amor. O sexo somente se sublima quando os parceiros encontram-se profundamente permeados pelo Amor. Deixa, então, o congresso carnal de ser um ato instintivo para adentrar no campo da comunhão espiritual.

4.4 - O SEXO OBJETIVANDO SOMENTE O PRAZER

Hoje em dia a mídia tem dado excessivo destaque ao sexo numa visão distorcida. A pornografia procura manter as pessoas obcecadas pela sexualidade vulgar.

Esse quadro impactante tem perturbado muitas pessoas, que transformam-se em vítimas passivas de vendilhões desonestos, que as exploram através dos diversos meios de comunicação. Famílias têm-se desagregado. Aumentou o consumo de drogas e bebidas alcoólicas e cresceu a incidência dos distúrbios mentais.

Jorge Andréa Dos Santos (2002:147) transcreve uma citação de **André Luiz**:

“O cativo nos tormentos do sexo não é problema que possa ser solucionado por literatos ou médicos a agir no campo exterior: é questão da alma, que demanda processo individual de cura, e sobre esta só o espírito resolverá no tribunal da própria consciência. É inegável que todo auxílio externo é valioso e respeitável, mas cumpre-nos reconhecer que os escravos das perturbações do campo sensorial só por si mesmos serão liberados, isto é, pela dilatação do entendimento, pela compreensão dos sofrimentos alheios e das dificuldades próprias, pela aplicação, enfim, do

"amai-vos uns aos outros" assim na doutrinação, como no imo da alma, com as melhores energias do cérebro e com os melhores sentimentos do coração."

Mais adiante, **Jorge Andréa dos Santos** complementa:

"Os que ainda vicejam nas paixões animais, elaborando vícios dos sentidos, encontrarão respostas na patologia sexual, tendo muito a lutar e a caminhar para equilíbrio de suas organizações que, por sua vez, é liberação. Somente na conduta do bem poderá o homem participar da harmonia que busca e anseia.

É no relacionamento sexual equilibrado, sem a busca constante do orgasmo passageiro, cansativo e atordoante, que as almas se refazem, tornam-se autênticas em estados rítmicos de espiritualização. [...]

As forças sexuais bem dirigidas amparam as criações de ordem física, intelectual, sentimental e espiritual. As forças do sexo, desenvolvidas em todo o seu estuário – da parte física à zona espiritual –, pelas permutas harmônicas renovam os campos do espírito e oferecem lampejos e impulsos para as grandes construções humanas. [...]

As grandes realizações estão sedimentadas na responsabilidade do amor-equilíbrio. As mais expressivas construções na vida artística e literária têm oferecido excelsos exemplos nesse sentido."

O abuso do sexo é altamente nocivo. Deve cada um policiar sua conduta para aperfeiçoar seu espírito rumo a conquistas mais importantes.

A escravização ao sexo representa uma estagnação que o ser humano não deve se permitir.

Gandhi (1998:242) aconselha as mulheres a se libertarem da escravização no vício em que homens inconscientes pretendem mantê-las:

"A mulher deve deixar de se considerar o objeto da concupiscência do homem. O remédio está mais nas mãos dela do que nas dele."

A liberdade que hoje se vive não deve ser utilizada como fonte de desagregação. Não se deve entregar a mulher à exploração que os inconseqüentes criadores de modismos pretendem lhe impor.

Em outro trecho (p. 168/169) esclarece a importância da temperança para a saúde:

“A relação entre o corpo e a mente é tão íntima que se um deles se desorganiza, todo o sistema sofre. Segue-se então que um caráter puro é a base da saúde no verdadeiro sentido da palavra; e podemos dizer que todos os maus pensamentos e todas as más paixões não são mais do que diferentes formas de doença.”

Divaldo Pereira Franco (2004:58) diz:

“...não é o intercuro sexual que desgasta o funcionamento dos órgãos ou perverte o indivíduo, mas a mente viciada que lança toxinas na intimidade das glândulas sexuais, desarmonizando-lhes o equilíbrio e gerando distonias emocionais...”

Não são só as atitudes que prejudicam, mas também a nossa atividade mental negativa, que envenena o organismo e causa distúrbios físicos e psicológicos graves.

Américo Domingos Nunes Filho (2004:27) mostra um dos aspectos negativos da nossa época:

“Em uma época de tantas transformações, em todos os setores do conhecimento humano, chegamos ao culto do prazer. Nunca se falou em tão alto grau de sexo e nunca o assunto esteve tão em alta. Desde o aparecimento, na década de 1950, do primeiro anovulatório, conhecido popularmente como pílula, o hedonismo voltou a mostrar a sua face.”

Esse autor (p. 28) mostra a repercussão dos abusos do passado na vida presente de muitos de nós:

“...o índice alarmante da impotência, atingindo mais da metade dos homens do mundo...”

Mais adiante (p. 33) nos aconselha a procurar o caminho do esclarecimento para bem viver:

“A energia sexual é uma força incomensurável que não pode ser sublimada abruptamente, como aconselham religiosos radicais, tampouco ser liberada sem controle ou disciplina.”

Roberto Assagioli, no seu artigo “A TRANSMUTAÇÃO E A SUBLIMAÇÃO DAS ENERGIAS SEXUAIS” (1996:37-38) ensina o caminho da compreensão:

“...a maneira mais efetiva e ao mesmo tempo mais elevada de controlar tanto o impulso sexual quanto o de poder é aceitar e reconhecer cada ser humano como "Alguém" a ser respeitado, e não como um "objeto" para a gratificação do nosso prazer, "algo" a ser dominado e explorado.”

J. Krishnamurti em seu texto “SOBRE O SEXO” (1996:68) alerta para a necessidade do Amor:

“...é por não existir amor que vocês transformam o sexo em um problema.”

Clara Codd em estudo intitulado “UM OUTRO ASPECTO DO SEXO” (1996:151) orienta sobre o controle sobre o sexo:

“O estudo e a pesquisa intelectual livre, a vida regrada e os exercícios físicos diários são fatores que contribuem para o controle sobre o sexo, mas o maior de todos eles se encontra na natureza emocional, e nas suas contrapartes superiores, os princípios espirituais e intuitivos.”

4.4.1 - A MULHER ADÚLTERA

Os casos de mudança radical de conduta não são muito comuns, no entanto, há histórias memoráveis, que despertam os que transitam pela penumbra da indecisão. Mencionamos, abaixo, três desses grandes exemplos, emocionantes, que fazem acreditar na Bondade Divina, que não quer que nenhum dos filhos de Deus se perca. Começamos com a história da "mulher adúltera", narrada parcialmente pelo evangelista **João**, passamos pela biografia resumida de Maria Madalena e terminamos com o exemplo importante de Santo Agostinho. Lembramos aos prezados Leitores e Leitoras que **Amália Rodrigues** ditou, através da psicografia de **Divaldo Pereira Franco**, quatro livros narrando histórias bíblicas, dentre as quais as das duas mulheres extraordinárias acima referidas. Transcrevemos os textos abaixo sem nenhuma alteração, em consideração, principalmente nos dois primeiros, à sua beleza literária e suave encantamento.

A mulher equivocada

(matéria publicada no Jornal Mundo Espírita - fevereiro/2004)

Seu nome não é citado nos Evangelhos, nem as tradições apostólicas o registraram de alguma forma que alcançasse os nossos dias. O evangelista João é o único a narrar seu encontro com Jesus, no capítulo 8 do seu Evangelho, nos versículos 2 a 11, portanto, deve ter sido testemunha ocular. As folhas do outono juncavam o chão.

Terminadas estavam as festividades dos Tabernáculos, ou Festa das Tendões, considerada pelo povo de Israel a mais espetacular de todas as festas. Para a celebrar, cada família devia construir nos arredores de Jerusalém uma cabana de folhagens, na qual residiria por uma semana.

As cabanas deviam lembrar aos filhos de Israel que Iavé os fizera morar nelas, quando saíram do Egito e peregrinavam pelo deserto. Dos rituais, fazia parte toda manhã, uma procissão de sacerdotes que descia o monte Moriá até a fonte de Siloé, acompanhada pelo povo, que levava palmas, ao som do shofâr (longo chifre de carneiro que serve de trombeta).

Colhida a água em vaso de ouro, tornava a multidão a subir a colina do templo, onde os sacerdotes derramavam o líquido, misturado com vinho, no altar dos holocaustos. Jesus viera a Jerusalém para participar da Festa e permanecera, concluídas as festividades, pregando. Naquele dia, "Ele estava próximo à porta Nicanor, do lado leste do Templo, chegando pelo caminho do Monte das Oliveiras, acompanhado dos discípulos."(1)

Então, um grupo de fariseus, em meio a um grande alvoroço, lhe trouxe uma jovem mulher, aparentemente apanhada em flagrante adultério. Diga-se que, entre o povo de Israel, a definição de adultério não era a mesma para o homem e a mulher.

O homem somente era acusado de adultério se tivesse relações com uma mulher casada ou noiva, porque, entendia-se, agredia outro homem.

A mulher, adulterando, agredia o matrimônio. Suspeita de adultério, era submetida à prova da água amarga. Devia beber uma monstruosa bebida à base de pó apanhado no Templo. Se vomitasse ou ficasse doente, era considerada culpada. Surpreendida em flagrante, a pena era a morte, que igualmente era aplicada à mulher que fosse violada dentro dos muros da cidade, pois supunha a Lei que, dentro da cidade, se ela tivesse gritado por socorro, teria sido ouvida e socorrida. Os fariseus submetem a adúltera ao julgamento de Jesus. Em verdade, embora tivessem olhos de lince para todas as faltas do próximo, a questão daquela hora visava muito mais aproveitar o incidente para armar uma cilada ao Profeta de Nazaré do que zelar pela pureza do matrimônio.

Eles a jogaram no chão e ela ali ficou, sem coragem sequer de erguer os olhos. Sabia que delinqüira e conhecia a penalidade. Sabia, igualmente, que ninguém dela se apiedaria. Ninguém, senão Ele.

Enquanto a indagação dos fariseus aguarda uma resposta do Rabi, sobre a pecadora, Ele se inclinou e traçou na areia do pavimento caracteres misteriosos. Que escreveria Ele? O nome do cúmplice que se evadira? O nome do marido que, ferido no orgulho, permitia fosse sua esposa tão vilmente tratada? Narram diversos intérpretes do texto evangélico, que Ele grafava a marca moral do erro de cada um.

Curiosos, os que ali esperavam a sentença de morte, para se extasiarem no espetáculo de sangue e impiedade, podiam ler: ladrão, adúltero, caluniador...

Em síntese, as suas próprias mazelas morais.

Crescia a expectativa.

Jesus se ergueu, percorreu o olhar perscrutador pela turbamulta dos acusadores, que sentiu atingir-lhes a intimidade, e disse tranqüilamente: "Aquele dentre vós que estiver sem erro, atire-lhe a primeira pedra. "Em silêncio, os circunstantes se afastaram, um a um, a começar pelos mais velhos. "Sim, os mais velhos trazem maior soma de empecos e problemas, remorsos e azedumes..." (1)

No meio da indecisão geral, Jesus tornou a traçar na areia sinais enigmáticos. Quando o silêncio se fez, Ele se levantou. Ali estava a mulher à espera do seu castigo. Se todos os demais haviam partido, ela devia esperar da parte d'Ele a sentença e a execução. O Divino Pastor considerou a fragilidade do ser humano e, compadecido com suas misérias morais, lhe disse: "Mulher, onde estão aqueles que te acusavam? Ninguém te condenou?" "Ninguém, Senhor" – ousou responder à meia-voz. Então, em vez do sibilar mortífero das pedras, ela ouviu as palavras do perdão e da vida: "Nem eu tão pouco te condeno: vai e não tornes a pecar!"

As anotações evangélicas se resumem ao episódio. Contudo, o espírito Amélia Rodrigues nos conta que, naquela noite, a equivocada procurou o Mestre, na residência que O acolhia. Falou da fraqueza que a dominara, nos dias da mocidade, sentindo-se sozinha. O esposo, poucos dias após o matrimônio, retomara as noitadas alegres e des preocupadas junto dos amigos. Ela se sentira carente e cedera ao cerco do sedutor, que a brindava com atenção e pequenos mimos. Nada que a desculpasse, reconhecia. E agora, consumada a tragédia, para onde iria? O esposo não a receberia, após o espetáculo público. Também não poderia contar com a proteção paterna, porque fora levada à execração pública, não simplesmente recebendo uma carta de repúdio, o que poderia servir até como indenização ao seu pai, pois o marido que assim procedesse deveria devolver uma parte do dote da noiva ao sogro. Não havia lugar para ela em Jerusalém. Que seria dela, só e desprotegida? O Mestre lhe acenou com horizontes de renovação, discorrendo sobre a memória do povo que é duradoura para com as faltas alheias. Ela sentiu, nas entrelinhas, que deveria buscar outras paragens, lugares onde não a conhecessem, nem o drama que acabara de viver. Na despedida, Jesus a confortou: "...Há sempre um lugar no rebanho do amor para as ovelhas que retornam e

desejam avançar. Onde quer que vás, eu estarei contigo e a luz da verdade, no archote do bem brilhará à frente, clareando o teu caminho."

Dez anos passados e ei-la, em Tiro, em casa humilde, onde recebe peregrinos cansados e enfermos sem ninguém. Um pouso de amor ela erguera ali. Não esquecera jamais daquele entardecer e da entrevista noturna. Tornara-se uma divulgadora da Boa Nova. De seus lábios brotavam espontâneas as referências ao Doce Rabi, alentando as almas, enquanto limpava as chagas dos corpos doentes.

Foi em um cair de tarde que lhe trouxeram um homem quase morto. Ela o lavou e pensou-lhe as chagas. Deu-lhe caldo reconfortante e tão logo o percebeu aliviado das dores, lhe ofereceu a mensagem de encorajamento, em nome de Jesus. Emocionado, confessa ele que conhecera o Galileu, num infáusto dia, em Jerusalém. Odiara-O, então, porque Ele salvara a mulher que adulterara, a sua esposa, mas não tivera para com ele, o ofendido, nenhuma palavra. O tempo lhe faria meditar em como se equivocara em seu julgamento. Confessa que, desde algum tempo, vinha buscando a companheira, procurando-a em muitos lugares, sem êxito. Até que a doença lhe visitara o corpo, consumindo-lhe as energias.

"Embargada pelas emoções em desenfreio, naquele momento, a mulher recordou-se da praça e do diálogo, à noite, com o Mestre, um decênio antes, reconheceu o companheiro do passado e sem dizer-lhe nada, segurou-lhe a mão suavemente e o consolou: '...Deus é amor, e, Jesus, por isso mesmo, nunca está longe daqueles que O querem e buscam. Agora durma em paz enquanto eu velo, porquanto, nós ambos já O encontramos..."(2)

Bibliografia:

01. FRANCO, Divaldo Pereira. Atire a primeira pedra. In: _____. Luz do mundo. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 1971. cap. 13.
02. _____. Encontro de reparação. In: _____. Pelos caminhos de Jesus. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 1988. cap. 15.
03. _____. A consciência de culpa. In: _____. Trigo de Deus. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 1993. cap. 13.
04. ROHDEN, Huberto. A adúltera. In: _____. Jesus nazareno. 6. ed. São Paulo: UNIÃO CULTURAL. v. 2, cap. 92.
05. ROPS, Daniel. Família, "Meus ossos e minha carne". In: _____. A vida cotidiana na Palestina no tempo de Jesus. Livros do Brasil. pt. 2, cap. 2, item VII.
06. SAULNIER, Christiane e ROLLAND, Bernard. As instituições religiosas. In: _____. A Palestina no tempo de Jesus. 2. ed. São Paulo: PAULINAS, 1983. item As festas.
07. VAN DER OSTEN, A. Adulterio. In: _____. Dicionário enciclo-pédico da bíblia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

Tratava-se de uma jovem casada que não cumpriu, inicialmente, o dever de fidelidade. O marido a tratava com descaso, como costumava acontecer naquele tempo. Sucumbiu a esposa às manifestações interesseiras do sedutor. Demonstrou pouca moralidade na área sexual.

Jesus, se, de um lado, conhecia-lhe a fragilidade, sabia, de outro, dos seus outros méritos e resolveu orientá-la nas duas oportunidades em que esteve com ela. Terminou dizendo-lhe: "...Há sempre um lugar no rebanho do amor para as ovelhas que retornam e desejam avançar. Onde quer que vás, eu estarei contigo e a luz da verdade, no archote do bem brilhará à frente, clareando o teu caminho."

Ela não tergiversou e partiu para um futuro de recuperação moral: dedicou-se a assistir as pessoas doentes e desamparadas, inclusive ensinando-lhes a doutrina de Jesus com sacrifício pessoal. Termina Amélia Rodrigues a narrativa no ponto em que a biografada reencontrou o esposo dez anos após o incidente narrado por João. Talvez tenha ocorrido a reconciliação dos cônjuges, que passaram a divulgar juntos a mensagem cristã, agora mais fortes pelo apoio recíproco.

Em resumo, aquela nobre mulher passou a canalizar sua energia, antes estagnada na falta de objetivo determinado para setores mais importantes, como sejam a afetividade bem direcionada. Assim, passou a viver de uma forma muito mais feliz, apesar do sacrifício pessoal, até que reencontrou seu marido para conviverem numa comunhão gratificante, ambos bafejados pelo elevado nível de maturidade que adquiriram através do sofrimento.

4.4.2 - MARIA DE MAGDALA

Maria de Magdala

(matéria publicada no Jornal Mundo Espírita - dezembro/2003)

Ninguém lhe conhecia a origem. Ela aparecera em Magdala, numa ocasião em que a cidade transbordava de estrangeiros, vindos das festas de Jerusalém e de caravanas carregadas de especiarias do Egito. A cidade, também denominada de Migdol Nunaya no Talmude, era uma aldeia de pescadores, na beira ocidental do lago de Genesaré.

Os palácios se erguem, ao longo da praia, entre os leques das palmeiras e a sombra dos jardins. Nas ruas calçadas, trafegam os mercadores, soldados de escudo e lança, publicanos, o povo. Pelas mãos circulam dracmas, sestércios, denários e papiros cambiais aos sons do hebraico, aramaico, grego e latim. Ela chegara e logo adquirira fama:

Maria. Logo se lhe acrescentara à denominação, o nome da cidade: de Magdala.

Era uma mulher de grandes olhos nostálgicos e de longos cabelos caídos sobre as espáduas, como onda escura de ouro. Seu palácio era procurado pelos príncipes das sinagogas, ricos negociantes, opulentos senhores de terras e de escravos, funcionários de alta categoria da administração herodiana, que lhe depositavam no regaço moedas de ouro, jóias, dracmas de prata, perfumes raros, presentes exóticos.

Ela se dava ao luxo de escolher quem lhe aprouvesse e se tornou detentora dos segredos dos fariseus, aqueles que baixavam a cabeça na rua, com ares pudicos, mas que a buscavam, embuçados em mantos negros, a horas mortas.

Maria, de Magdala ou Madalena, contudo, não era feliz. Surda tristeza a minava, entregando-se, por vezes, dias seguidos, à profunda amargura. Espíritos infelizes a tomavam, em noites variadas, deixando-a alheada, olhos perdidos no mistério de insondáveis distâncias. Nessas horas, as servas despediam, do átrio, todos os que a buscassem. Alguns homens, sentindo-se preteridos, dobravam as ofertas pelas horas de prazer que anteviam. Tudo em vão.

"Numa noite de perfumes primaveris, instada por uma serva de confiança, dedicada e fiel, permitiu um diálogo" (1) sobre o Rabi que andava pelas estradas da Galiléia e da Judéia. Sentiu a esperança renascer, ante a informação de que aquele Rabi convivia com os pecadores, os excluídos. Ele viera para encontrar o que estava perdido.

Numa noite que "balouçava luzes miúdas no firmamento escuro" (1), servindo-se de uma embarcação, atravessou o lago e foi ter com Ele, em Cafarnaum.

Quando Ele veio a Magdala, ela tomou de um vaso de alabastro que continha o perfume do lótus. Custara-lhe o preço de um campo. Era seu presente ao Amigo.

Sabendo-O em casa de Simão, para lá se dirigiu. Como bom fariseu, Simão experimentava um gozo particular em ostentar virtudes e recepcionar amigos, apresentando, em seu palácio, personalidades que, por qualquer motivo, se tornaram famosas. Durante meses, após um banquete, os comentários persistiam na cidade, acerca dos personagens que sua casa acolhera. Com Jesus não fora diferente. Ele e dois de seus discípulos haviam "merecido" a distinção de um banquete na rica vivenda de Simão. Quase ao seu final, ouviram-se gritos e altercações. Depois, rompendo a segurança, Madalena irrompe na sala. Tudo se deu tão rápido! Ela se arroja aos pés do Rabi que permanece impassível, na posição em que se encontrava. Surdos cochichos perpassam pelo ambiente. Simão se enche de cólera, ante o epílogo desastroso do seu jantar. Teme mandar expulsá-la, porque sabe da sua coragem e ousadia. Ela o conhece muito bem, bem como a tantos outros que ali se apresentam como homens de honra. Jesus serve-se do momento para lecionar o Amor, exaltando o gesto daquela mulher que ajoelhada a seus pés, rega-os com suas lágrimas,

enxuga-os com seus cabelos e os unge com o excelso perfume que impregna todo o ambiente, concluindo: "Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama."(Lucas, VII, 47)

Ergue-se a voz de Jesus com infinita majestade: "Mulher, a tua fê te salvou; vai-te em paz."(Lucas, VII, 48)

"Na manhã seguinte Magdala soube, pasmada, a notícia da conversão da pecadora. Distribuíra tudo quanto possuía e, com o estritamente necessário, iniciara nova vida."(1)

As vozes da desonra e do despeito sussurravam que ela voltaria às noites de prazer, que enlouquecera, que sempre fora louca.

Ela se juntou aos que seguiam o Mestre. Discreta, mais de uma vez, recebeu a bofetada da desconfiança. Sabia que não confiavam em sua renovação, nem se davam conta de quantas tentações ela estava procurando sublimar.

Chegados os dias da denúncia de Judas, a prisão de Jesus, o julgamento arbitrário, ei-la, caminhando para o Gólgota, acompanhando-O. Permaneceu ao pé da cruz, junto a Maria e o discípulo João. "Quando a cabeça D'Ele pendeu, desejou cingir-lhe outra vez os pés e osculá-los com ternura, mas se sentiu imobilizada."(1)

No domingo, indo ao túmulo com Joana de Cusa, Maria, a mãe de Marcos e outras mulheres, encontrou a pedra do sepulcro removida, dobrados os lençóis que lhe haviam envolvido o corpo. Ela temeu que os judeus houvessem roubado o seu corpo. Enquanto as demais mulheres retornaram a Jerusalém a informar o ocorrido, ela permaneceu no jardim, a chorar. A saudade feita de dor lhe estrangulava o peito, quando ouviu a voz d'Ele, chamando-a pelo nome. O Mestre estava ali, vivo, radioso como a madrugada recém nascida. Foi anunciar o fato aos discípulos, que não creram. Por que haveria Jesus de aparecer a ela, logo para ela? Somente Maria, a mãe d'Ele, a abraçou e lhe pediu detalhes.

Os dias que se seguiram foram de saudades e recordações. As notícias lhe chegavam doces. O encontro com os jornaleiros dos caminhos de Emaús. A pesca incomparável. A jornada a Betânia. Após 40 dias, no Monte das Oliveiras, junto aos quinhentos discípulos, O viu ascender lentamente, as mãos voltadas para eles, como num gesto de afago, as vestes luminosas, desaparecendo ante seus olhos.

Desejou então seguir com os novos disseminadores da Boa Nova. Temeram que sua presença pudesse ser pernicioso, semeando desconfiança, naqueles dias incipientes das luzes do novo Reino.

Ela experimentou soledade e abandono e, para arrefêcer a imensa saudade do Rabi, passou a andar pelas longas praias que tanto O recordavam.

Numa dessas tardes, encontrou leproso que vinham de muito longe buscar o socorro da cura. Ela os abraçou, dizendo-lhes que Jesus já partira. Deteve-se por horas a falar, saudosa, do que aprendera com quem era o Caminho, a Verdade e a Vida.

*Depois, seguiu com eles ao vale dos imundos.
Sentindo que a seiva da vida diminuía em suas veias, desejou
rever a doce Mãe de Jesus, aquela que tanto a afagara em suas amarguras,
e foi a Éfeso, morrendo às portas da cidade, sendo brandamente recolhida
nos braços do Amor não Amado.*

Bibliografia:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. A rediviva de Magdala. In:____. As primícias do reino. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Rio [de Janeiro]: SABEDORIA, 1967.
- 02.SALGADO, Plínio. O abismo e a estrela.. In:____. Vida de Jesus. 21. ed., São Paulo: VOZ DO OESTE, 1978. pt. 3, cap. XLI.
- 03.ROHDEN, Huberto. Madalena. In:____. Jesus Nazareno. 6. ed. São Paulo: União Cultural. v. 1, cap. 53.
- 04.Van Den Born, A. Dicionário enciclopédico da bíblia. Vozes, 1985.
- 05.XAVIER, Francisco Cândido. A mulher e a ressurreição. In:____. Boa nova. Pelo espírito Humberto de Campos. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1963. cap. 22.
- 06._____. Maria de Magdala. Op. cit. cap. 20.

(http://www.feparana.com.br/biografias/maria_de_magdala.htm)

A biografia de Maria de Magdala representa um dos mais importantes capítulos da história do Cristianismo, destacando-se como lições memoráveis sua fixação na ilusão da beleza sem proveito e sua posterior dedicação aos leprosos do Vale dos Imundos.

Chama a atenção a referência de Jesus na casa do magnata Simão: "Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou."

Conhecia Jesus a essência daquela alma profundamente amorosa, temporariamente sucumbida sob o peso da ilusão da beleza física mal empregada. Por isso investiu na sua recuperação, incentivando-a a mudar de vida, o que ela aceitou com a firmeza adamantina da sua personalidade forte e iniciou um rumo novo. Ela escandalizou os falsos moralistas quando vivia da prostituição, escandalizou-os novamente quando abandonou esses hábitos nocivos.

Passando a empregar sua vitalidade sobretudo na área afetiva, esvaziou gradativamente sua libido, transformando-se, depois da Mãe de Jesus, no maior exemplo de Amor na face da Terra.

4.4.3 - SANTO AGOSTINHO

O mais profundo filósofo da era patrística e um dos maiores gênios teológicos de todos os tempos foi santo **Agostinho**, cuja influência plasmou a Idade Média. Nasceu em Tagaste (Numídia), filho de um funcionário municipal, Patrício, e de Mônica, fervorosa cristã, que a Igreja venera como santa. Como estudante, vivia desregradamente. Contraiu uma ligação - que iria durar até 384, e da qual teve um filho, Adeodato. Em 374, lendo o Hortensius, de Cícero, sentiu-se atraído por uma vida menos sensual e mais dedicada à busca da verdade. Passou a freqüentar as lições dos maniqueus, que lhe pareciam propor a autêntica forma de cristianismo, em oposição à doutrina da Igreja, "uma história de velhas". De 375 a 383 estabeleceu-se em Cartago, como professor de eloquência, e daí por diante obteve exercer a mesma função do outro lado do mar, em Milão. Já o inquietavam agora fortes dúvidas sobre a verdade do maniqueísmo. Em Milão, travou conhecimento com o neoplatonismo. Ao mesmo tempo ouvia regularmente os sermões de santo Ambrosio, onde percebia um catolicismo mais sublime do que o imaginado, e lia são Paulo. Um dia, julgando ouvir a voz de uma criança: "Tolle, lege", abriu ao acaso as Epístolas de são Paulo, que tinha ao lado e passou a sentir que "todas as trevas da dúvida se dissipavam". Fez-se batizar no sábado santo de 387, com seu filho Alípio. Pouco depois morria a mãe, que muito havia orado por sua conversão. Voltando à África, viveu vários anos em retiro de oração e estudos. Em 390, perdeu o filho. Tanta era a fama que granjeara, de ciência e virtudes, que o povo o escolheu para o sacerdócio. Em 395 foi sagrado bispo no pequeno porto de Hipona. Ali então desenvolveu a intensa atividade teológica e pastoral, dando máxima expressão a seus dotes extraordinários no plano da especulação, da exegese e da penetração psicológica da alma humana. Lutou contra as heresias da época, o maniqueísmo, o donatismo, o arianismo e o pelagianismo. Morreu em Hipona a 28 de agosto de 430.

Principais obras: "CONFISSÕES", autobiografia escrita entre 397 e 400, uma das obras-primas da literatura universal; "A CIDADE DE DEUS", apologia da antiguidade cristã e ensaio de filosofia da História; "DE TRINITATE"; "ENCHIRIDION", compêndio de doutrina cristã; obras polêmicas várias contra as heresias mencionadas, entre as quais "CONTRA FAUSTUM", "DE SPIRITU ET LITTERA", "DE NATURA ET GRATIA", "DE GRATIA ET LIBERO ARBITRIO", "DE CORREPTIONE ET GRATIA", "DE PRAEDESTINATIONE SANCTORUM"; obras exegéticas, como "ENARRATIONES IN PSALMOS", "DE GENESI AD LITTERAM", Tratado sobre o Evangelho de são João; obras pastorais, como "DE

CATECHIZANDIS RUDIBUS”; cerca de 400 sermões e muitas cartas. Inúmeras edições modernas de sto. Agostinho. Mais acessíveis são, em texto bilingüe, as da BAC, 22 vols.; as da coleção "BIBLIOTHÈQUE AUGUSTIENNE", Paris, 36 vols.; as da "NUOVA BIBL. AGOSTINIANA", Roma, etc. (<http://www.momentoscomjesus.cjb.net>)

A chamada "conversão" de **Santo Agostinho** até hoje representa um referencial para quem procura uma vida equilibrada sexualmente depois de muitos equívocos cometidos. As Confissões desse grande filósofo retratam sua procura pela Verdade e os progressos que foi realizando.

Oscilando, no início, entre a influência do pai vulgar e da mãe moralizada, o jovem Agostinho aos poucos foi aderindo aos padrões maternos e tornou-se um excepcional condutor de almas, principalmente daquelas dominadas pela descrença.

Suas falhas iniciais deveram-se à descrença. Somente iluminou-se seu espírito quando a Verdade invadiu-lhe o intelecto. Convertido pelo cérebro, pelo raciocínio.

Passou a empregar sua avantajada capacidade intelectual numa causa nobre e, assim, multiplicaram-se seus talentos, transformando-se, pela inspiração dos Espíritos Superiores, num missionário da mais alta estirpe. Resumindo, as três biografias demonstram a tese de que a energia espiritual é única e, quando direcionada pela as atividades nobres do espírito, sublimam o ser humano.

4.5 - O TANTRISMO

O Tantrismo é uma corrente filosófica que surgiu em época remota na Índia e ainda encontra seguidores.

Não somos adeptos dessa ideologia e, sinceramente, dela discordamos. No entanto, cremos dever informar os prezados Leitores e Leitoras sobre sua existência e seus postulados. Afinal, é sempre útil conhecer os pontos de vista diferentes dos nossos...

Transcrevemos abaixo um texto que aborda o tema, deixando à apreciação dos prezados Leitores e Leitoras, apesar de não simpatizarmos com as teses aí expostas.

Chama-se "A HISTÓRIA DO TANTRA" (extraída do livro "HISTÓRIA DO YOGA", de **Pedro Kupfer**) divulgada na Internet em:

http://planeta.terra.com.br/arte/wicca/magia_sexual_1.htm

O ar tece o Universo. Brihadáranyaka Upanishad, III: 7.2/A respiração tece o homem. Atharva Veda, X:2.13. Tantra significa tecido, urdidura; pode ser traduzido como 'espargir o conhecimento' ou 'a maneira certa de se fazer qualquer coisa', tratado, autoridade, estender, multiplicar, continuar. Também designa o encordoamento do sitar ou outro instrumento musical. É o nome de um movimento filosófico, matriarcal e sensorial que empresta suas principais premissas do Yoga e do Sámkhya, herança e patrimônio da cultura dos rios Indus e Saraswatí. O Tantra assimilou o culto da Grande Mãe, presente na Índia desde o neolítico (8000 a.C.). Entretanto, os mesmos símbolos de que o tantrismo serve-se hoje remontam ao paleolítico (20000 a.C.) e estiveram sempre presentes ao longo do continente eurasiático. O Tantra organizou os rituais da Magna Mater, transformando-os num método de emancipação que busca na psique humana a manifestação da própria força da Shaktí, a Energia Primordial que move o Cosmos. Este movimento teve uma forte influência sobre a religião, a ética, a arte e a literatura indianas, havendo ressurgido com inusitada força entre 400 e 600 d.C., quando chegou a transformar-se numa moda que acabou por influenciar os modos de pensar e agir da sociedade indiana medieval. Aqui ela se afirma, populariza e estende ainda mais, dando origem a um grande número de correntes e manifestações filosóficas, religiosas, mágicas e artísticas, algumas antagônicas. "Não se trata de uma religião nova, senão de uma nova caracterização de fatos que pertencem ao hinduísmo comum, mas que às vezes só se apresentam precisamente em suas formas tântricas. Encontra-se a marca do tantrismo na mitologia e na cosmogonia, mas, principalmente, no ritual. O gérmen remonta-se com freqüência ao Veda, especialmente ao Atharva Veda, que pode considerar-se um hinário pré-tântrico." **Jean Renou**, "EL HINDUISMO", p. 89.M. Éliade nega que a assimilação do Tantra pelo hinduísmo seja tão antiga, embora reconheça que suas raízes sejam difíceis de se determinar: "No Tantra, observam-se elementos muito antigos, alguns dos quais pertencem à proto-história religiosa da Índia, mas sua introdução no budismo e no hinduísmo começou muito tarde, em todo caso, não antes dos primeiros séculos da nossa era." "EL YOGA. INMORTALIDAD Y LIBERTAD", 289. O Tantra não pertence à tradição ortodoxa hindu, no sentido de que não existe um dárshana com esse nome. Sua visão do mundo é herança e síntese da Índia aborígene e da Índia védica, muito mais antigas do que imaginaram os estudiosos ocidentais do século XIX. É uma forma de ver a vida e cada um de seus aspectos. Há diferentes linhas do tantrismo, algumas inclusive incompatíveis entre si. O Dakshinachara, linha da 'mão direita' ou do tantrismo branco, mais antiga, opõe-se ao

Vámachara, corrente da 'mão esquerda', do tantrismo negro, corrente na qual se destaca a escola Kaula, fundada por Matsyedranatha por volta de 900 d.C. O tantrismo negro caracteriza-se pelos rituais de transgressão, como o pañchamakára (os cinco m), no qual o praticante utiliza a ingestão de bebidas embriagantes, carnes e o coito ritual como meios de atingir a sacralidade. Podemos identificar algumas dessas características no Rig Veda, nas libações cerimoniais do soma e nos rituais sexuais. "Um dos artigos de fé do povo védico era que a união sexual conduzia à bem-aventurança do além e devia cumprir-se com verdadeiro espírito religioso para assegurar o bem-estar espiritual, censurando-se severamente a lascívia. Idá (uma mulher) disse: 'se fizeres uso de mim no sacrifício, então qualquer bênção que invocares através de mim ser-te-á concedida' " **S. B. Lal Mukherji**, ensaio em "SHAKTÍ Y SHAKTA", **J. Woodroffe**, p. 83. A visão cosmogônica do Tantra, com suas perguntas essenciais, evidencia uma atitude especulativa sobre a antropogênese que a vincula ao Sámkhya. A cosmogonia tântrica caracteriza-se pela união dos opostos: isto é, trata-se de uma coincidentia oppositorum, conjunção dos opostos que se complementam. Essa idéia não é original do Tantra: existiu em outras cosmovisões ao longo da história da Humanidade; mas o tantrismo recupera para si este princípio especulativo, muito mais antigo que ele próprio. Esses dois princípios em coincidentia oppositorum são Shiva e Shaktí. Os rishis, sábios ascetas do alvorecer do pensamento hindu, chamaram Brahman ou Shiva o princípio primordial. Tudo existe em função dele, tudo é reflexo e evidência da sua realidade. Não há noção de criação do mundo nem há Deus: no plano macrocósmico Shiva é, parafraseando Aristóteles, o motor imóvel do mundo. É o princípio imutável e eterno, nem ativo nem criador. Ele não faz nada, apenas é. Sua manifestação é Shaktí, palavra que significa esposa e, por extensão, energia. Shaktí é a Prakriti, a Natureza do sistema Sámkhya, a energia criadora, que provoca a manifestação do Universo. Shiva é inabalável: a ele pertencem o Ser e a Consciência; à Shaktí correspondem o movimento, a mutabilidade e a geração. Estes dois princípios representam-se na iconografia do tantrismo unidos no viparíta maithuna: Shiva aparece deitado ou sentado, imóvel, enquanto Shaktí está sempre sobre ele, ativa no ato da manifestação. Este modo de pensar não é religioso, dogmático ou doutrinário, mas estritamente especulativo. Desta maneira o Tantra, assim como o Sámkhya, aparta-se de outras visões que incluem os conceitos de criação, divindade, origem do mundo, et coetera. Contudo, o Tantra possui certa semelhança com algumas formas de panteísmo: "o que está aqui, está em toda parte; o que não está aqui, não está em parte alguma." Daí provém o culto à Natureza e

à feminilidade. À diferença do Vêdânta, que considera o mundo tangível uma mera ilusão, para o Tantra ele é bem real: ilusório é pensar que o Ser (Shiva-Purusha) intervenha ativamente no universo manifestado. Cabe aqui dizer uma palavra sobre um filho do Tantra, sobre o qual voltaremos mais adiante: o Hatha Yoga. A partir da "descoberta" do corpo, elabora-se uma série de tecnologias que se apóiam nele para alcançar o estado de transcendência: "O corpo construído pouco a pouco pelos hathayôgis, os tântricos e os alquimistas correspondia, de certo modo, ao corpo de um "homem-deus" (...) A teandria tântrica não era mais que uma variante nova da macrantropia vênica. O ponto de partida de todas estas fórmulas era naturalmente a transformação do corpo humano em um microcosmo, teoria e prática arcaicas, que se observam aqui e acolá no mundo e que na Índia ariana achavam-se estruturadas desde os tempos vêdicos." **Mircéa Éliade**, "EL YOGA. INMORTALIDAD Y LIBERTAD", p. 175. "Aqui mesmo (neste corpo) estão o Ganges, Prayága e Varanasi, o sol e a lua (isto é, o masculino e o feminino) e os lugares sagrados... Não existe outro lugar de peregrinação nem morada de felicidade semelhante ao meu corpo. Em verdade, o yantra que é o próprio corpo é o melhor de todos os yantras." Gandharva Tantra. O prestígio adquirido e mantido pelo Tantra constitui um "fóssil vivente" que remonta aos tempos vêdicos, em que não existia obsessão nem repressão sexual. A sua posição é renovadora frente ao brahmanismo ortodoxo medieval: aos rituais mecânicos, que haviam perdido significação, opõem-se o culto matriarcal da Shaktí e as técnicas de libertação através da união sexual ritual (maithuna). A afirmação acima merece uma explicação: geralmente estamos habituados à idéia de que os homens vêdicos passariam o dia inteiro fazendo a guerra, criando gado, entoando mantras e fazendo oferendas para tentar convencer os deuses a satisfazer seus desejos. Numa palavra, que seriam repressores, sisudos e machistas. Não é isso o que surge de uma leitura atenta dos hinos do Rig Veda. O erotismo e a sensorialidade, que poderíamos considerar sem medo de exagerar, como sendo pré-tântricos, tem um papel importantíssimo na sociedade vênica. Metáforas que fazem alusão à sexualidade são muito comuns e mostram que a sociedade vênica considerava a sexualidade em sua medida certa: não tinha preconceitos em relação a ela nem teve aquela obsessão típica, entre outras, da cultura judaico-cristã. Vejamos alguns exemplos. No hino I:79.4-5, Lópámudrá, esposa (os ascetas também casavam!) do rishi Agastya, pede-lhe que a satisfaça sexualmente: Lopámudrá faz fluir o Touro e, enlouquecida, esvazia o sábio que descansava. Agastya queria um filho e empuxou com seu instrumento, para ter descendência e vigorizar-se. Os poetas vêdicos usaram com muita

naturalidade o sexo para compor suas metáforas (IX:112.4; X:40.6): O cavalo busca uma carruagem leve, o sedutor um sorriso, o falo, fendas aveludadas e as rãs, água. A abelha, Ashwines, recolhe vosso mel em sua boca, tão disposta como vai a donzela ao seu encontro de amor. Maithuna significa cópula, matrimônio, e define a união sexual tântrica, o coito ritual em que os parceiros emulam a união cósmica entre Shiva e Shaktí. É a técnica de libertação através da união sexual ritual. A postura sexófoba característica da civilização judaico-cristã sempre viu nestas práticas a orgia e a depravação, ou seja, exatamente o oposto do que elas são. A incompreensão do Tantra e o simbolismo que o transmite colaborou para considerá-lo repulsivo, vergonhoso e digno de escárnio. A preocupação daquele que condena o Tantra é fruto da sua própria obsessão com a questão sexual, que o leva a querer coartar a liberdade dos demais. Nesse sentido, o tantrismo é totalmente natural; a sua abordagem do sexo não é patológica mas absolutamente sadia, de uma espontaneidade difícil de aceitar para os padrões da 'decência' cristã. Maithuna não tem nada a ver com pornografia ou licenciosidade, muito pelo contrário, é um instrumento que, através do prazer, revela a dimensão divina da natureza humana. "O maithuna é a técnica tântrica que mais fascina os ocidentais, que com demasiada frequência confundem-na com uma indulgência para com os apetites sexuais, em vez de vê-la como meio para dominá-los." **Daniel Goleman**, "A MENTE MEDITATIVA", p. 98. Enquanto alguns buscam a elevação através da repressão ou da eliminação do desejo sexual e suas raízes (samskára), para o tantrismo a sua utilização é condição básica. O homem deve evoluir executando as mesmas ações que causam a sua perdição: "quando caímos no chão, é com o auxílio do chão que nos levantamos. "Através da sacralização da sexualidade podemos chegar ao samádhi (estado de êxtase). A prática, que deve concluir sem que os parceiros alcancem o orgasmo, nada tem de profano: emula-se a união hierogâmica dos princípios masculino e feminino, Shiva e Shaktí." Pelo próprio fato de já não se tratar de um ato profano, senão de um rito, de que os participantes não são mais seres humanos senão que estão 'desprendidos', como deuses, a união sexual não participa mais do nível kârmico. Os textos tântricos repetem com frequência o adágio: 'pelos mesmos atos que fazem com que muitos homens se queimem no inferno durante milhões de anos, o yôgin obtém a salvação eterna. "O jogo erótico se realiza num plano transfisiológico, porque nunca tem fim. Durante o maithuna o yôgin e sua náyiká incorporam uma 'condição divina', no sentido de que não somente experimentam a beatitude, senão que podem contemplar diretamente a realidade última. **Mircéa Éliade**, "EL YOGA.

INMORTALIDAD Y LIBERTAD”, pp. 194, 197. A libido humana é essencialmente igual à energia que anima o mundo. Nesse sentido considera-se desperdício permitir que ela se disperse no orgasmo. Todos os esforços do par tântrico dirigem-se para esse objetivo. O sêmen, assim como o orgasmo, é precioso e deve entesourar-se: “o yogin conquista a morte preservando seu bindu. O bindu derramado traz a morte; o bindu retido traz a vida.” O sêmen viril, é chamado amrita, ‘o que outorga a imortalidade’. Manipula-se a energia sexual a fim de concentrá-la, estimula-se o prazer e mantém-se o nível de excitação da voragem pré-orgástica, assim como alguns pássaros tentam manter-se voando imóveis pelo máximo de tempo possível. No fim, faz-se uma meditação com o objetivo de dirigir o prána para o despertar da kundaliní. O ato sexual tântrico inclui mudrá, pújá e meditação, e em alguns casos mantra ou pránáyáma. Existem diversos gestos que objetivam aprofundar a comunicação entre os parceiros e deles com a essência do Tantra. Pújá, a oferenda mental de energia, é a saudação inicial através da qual o casal estabelece essa sintonia.

4.6 - OS DESVIOS SEXUAIS

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre os desvios sexuais (também conhecidos como sexualidade anômala):

É a que se desvia dos padrões de bons costumes admitidos por uma sociedade. As principais anomalias e perversões sexuais, são as seguintes, descritas nos livros de medicina legal: anafrodisia, frigidez, erotismo, priapismo, auto-erotismo, erotomania, fêchismo, exibicionismo, narcisismo, lubricidade senil, sadismo, masoquismo, bestialismo, necrofilia, riparofilia, mixoscopia ou voyeurismo, masturbação, onanismo, homossexualismo de ambos os sexos, topo-inversões, crono-inversões, pigmalionismo, erotofobia, triolismo, coprolagnia, edipismo, uranismo, tribadismo, sadomasoquismo, etc. A obra clássica onde todos os autores vão obter dados sobre a matéria, é a de R. V. Krafft-Ebing, "PSYCHOPATIA SEXUALIS", traduzida para o francês pela editora Payot, Paris, 1950. Apesar do advento da psicanálise, posterior ao autor, nascido em 1840. A obra ainda é de grande valor documentário. A edição citada vem refundida por duas autoridades na matéria, Albert Moll e René-Lobstein.

Mencionaremos apenas algumas dessas condutas.

Quanto ao homossexualismo, dedicar-lhe-emos um tópico à parte, devido à importância do tema.

4.6.1 - SADOWASOQUISMO

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre sadomasoquismo:

*Conjugação de sadismo e masoquismo. Sadismo: Anomalia sexual, também chamada **algolagnia** ativa (alço, dor e lains, excitação), que consiste em ter gozo através do sofrimento alheio ou do parceiro. A palavra vem do **Marquês de Sade**. O sadista atinge o auge sexual através de violências que comete contra outrem. Masoquismo ou algolagnia passiva, por oposição à algolagnia ativa ou sadismo: Perversão sexual que consiste em sofrer humilhações e violências para atingir o auge sexual. A palavra vem do escritor austríaco **Sacher-Masoch**.*

Infelizmente, há casos em que o indivíduo chega a esse ponto de desajuste, devido, na certa, à prática de violência contra terceiros no passado, agora pesando contra o infrator, agravada a situação pelos obsessores que procuram vingar-se dele.

Todavia, tudo é possível àqueles que se mostram dispostos a recomçar, como os três luminaires cuja história mencionamos linhas atrás.

4.6.2 - FETICHISMO

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre fetichismo:

Anomalia sexual que consiste em contemplar ou tocar objetos pertencentes à mulher ou certas partes de seu corpo sem interesse diretamente sexual, para ter o desejo ou o gozo. A supervalorização do sexo gera fixações mentais absurdas, como nos casos de fetichismo, cabendo ao indivíduo procurar superá-la pela utilização correta da sua sexualidade e pela compreensão do seu significado para a evolução espiritual.

4.6.3 - TRAVESTISMO

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre travestismo:

Costume de usar roupas e adornos do outro sexo. B. - Rinaldo Pellegrini, "SEXOLOGIA MORATA" ed. Madri, 1968. (Nota dos colaboradores da atualização – É um desvio do sexo no qual o indivíduo se sente atraído pelas vestes do sexo oposto. O termo foi usado por Magnus Hirshfeld, enquanto Havelock Ellis o denomina de eonismo, travestismo ou inversão sexo-estética. Eon foi um personagem histórico como o marquês de Sade, morreu em Londres, com a idade de 83 anos depois de passar 49 anos de sua vida como homem e 34 como mulher. Durante muitos anos o seu sexo era desconhecido, sendo assunto preferido pela sociedade da época. O exame depois da morte revelou tratar-se de um homem. B. - Hélio Gomes, "MEDICINA LEGAL", ed. Freitas Bastos, Rio, 21ª ed., p. 399).

Na certa uma fixação proveniente de vidas passadas, cabe à pessoa portadora dessa disfunção aprofundar seus conhecimentos sobre o que representa a sexualidade física como meio para a paternidade ou a maternidade e concentrar seus esforços na sua sublimação, canalizando sua energia para setores mais importantes para seu futuro espiritual.

4.6.4 - NARCISISMO

Narcisismo é a fixação do indivíduo em si próprio, é o egoísmo levado a extremos.

Entendemos que são narcisistas os indivíduos que "usam" as pessoas como se fossem "coisas", mudam de parceiro ou parceira como quem muda de roupa e provocam dilacerações morais na intimidade alheia.

Essas pessoas ainda não entenderam que o sexo somente se gratifica se embebido na água lustral do Amor puro e leal, dedicado a um único parceiro ou parceira.

Infelizmente, a nossa realidade planetária, supervalorizando a aparência física em detrimento das qualidades interiores, facilita muito o narcisismo, endeusando-se pessoas moralmente vulgares, que passam a explorar seus ingênuos admiradores.

O narcisismo representa o atraso evolutivo de grande parcela de nossa humanidade e é um desvio grave da personalidade, que somente se supera pelo conhecimento da Verdade, que é **Jesus**.

4.6.5 - SODOMIA

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre sodomia:

Há uma grande variação entre os autores e dicionários ao definir esta anomalia sexual. De forma geral, indica o homossexualismo masculino. Designa também qualquer prática sexual anormal com pessoas de qualquer sexo ou com animais. Nem todos incluem os animais na definição, porque acham que este caso deveria ser chamado de "bestialidade". A sodomia é também denominada "pecado nefando" ou "pecado contra a natureza".

O abuso da sexualidade vai criando opções cada vez mais extravagantes, pois há sempre algo novo para quem transformou-se em sexólatra.

O caminho de retorno é o da conscientização, da procura pelo esclarecimento e pela retomada dos trilhos da paz interior.

A ninguém se deve fechar as portas do recomeço, porque Deus quer que todos sigamos em frente rumo à perfeição.

4.6.6 - COMPLEXO DE ÉDIPO

Na Enciclopédia Wikipedia se lê:

*Segundo o pai da psicanálise (**Freud**), o complexo de Édipo verifica-se quando um rapaz que atinge o período sexual fático na segunda infância e dá-se então conta da diferença de sexos, tendendo a fixar a sua atenção libidinosa nas pessoas do sexo oposto no ambiente familiar. Freud baseou-se na tragédia Sófocles, Édipo-Rei, chamando complexo de Édipo à preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai. A tendência contrária na menina chama-se Complexo de Electra.*

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_%C3%89dipo)

Joanna de Ângelis alerta para a necessidade de que mães e filhos sublimem seus sentimentos à procura de um futuro glorioso pleno de amor puro, proporcionador de alegrias infinitas.

O amor não tem de matar a sexualidade, mas transformá-la para melhor, pois na Natureza nada se perde, nada se cria: tudo se transforma.

Ninguém deve se torturar pelas lagartas disformes e repugnantes que traz dentro de si, mas sim transformá-las em falenas maravilhosas, que irão embelezar o mundo e voar rumo ao infinito.

4.6.7 - COMPLEXO DE ELECTRA

Na Enciclopédia Wikipedia se lê:

Segundo Sigmund Freud, o complexo de Electra define-se como sendo uma atitude emocional que, segundo as doutrinas psicanalíticas, todas as meninas têm para com a sua mãe; trata-se de uma atitude que implica uma identificação tão completa com a mãe que a filha deseja, inconscientemente, eliminá-la e possuir o pai. Freud deu este nome ao referido complexo baseando-se no mito de Electra, filha de Agamémnon. O completo de Electra é, muitas vezes, incluído no complexo de Édipo, já que os princípios que se aplicam a ambos são muito semelhantes.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_Electra)

Vale para este tópico o mesmo que dissemos linhas atrás sobre os sentimentos porventura imperfeitos entre mães e filhos.

4.7 - HOMOSSEXUALISMO

A ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN comenta sobre homossexualismo:

Atração por pessoas do mesmo sexo. Pederastia. O homossexualismo masculino também chama-se uranismo, e pode ser ativo ou passivo. Existe homossexualismo masculino e feminino.

Regra geral, os homossexuais são estigmatizados e tratados com desprezo e ironia.

Todavia, compulsando os postulados espíritas, inclusive aqueles que mencionamos no início do nosso estudo, temos de reconhecer que cada espírito, na sua escalada evolutiva, tem de nascer como homem e como mulher mas suas sucessivas encarnações. Assim tem de acontecer para cada um evoluir rumo a Deus, conquistando todas as virtudes. A esse respeito disse Jesus: Sede perfeitos, como vosso Pai que está nos Céus é perfeito.

Nessas mudanças de sexo de uma para outra vida é natural que haja um descompasso entre a realidade íntima do espírito e seu aspecto morfológico. Surgem tendências homossexuais, que podem ficar apenas na simpatia por pessoas do seu sexo ou consumir-se através de práticas

promíscuas ou até na convivência conjugal, dependendo da índole de cada um.

Sendo um caminho que todos, sem exceção, devem percorrer (reencarnações num sexo e em outro), não podemos atirar pedras nos que estão sob o impacto dessas dificuldades.

Por isso, os autores espíritas aconselham sempre a prática da tolerância, pois essas contradições não representam, muitas vezes, falhas morais propriamente ditas, mas são apenas dificuldades de adaptação, que, se houver um tratamento espiritual e psicológico adequado, podem ser superadas.

Quanto às ligações homossexuais **Américo Domingos Nunes Filho** (2004:71-72) apresenta uma tese vazada na tolerância e no respeito humano:

Nas ligações homossexuais, firmadas no amor e respeito recíprocos, mesmo existindo polaridades energéticas semelhantes, a paz exteriorizada pelo casal reflete harmonização e, conseqüentemente, equilíbrio energético. Portanto, dois espíritos que se amam, mesmo encarnados em polaridades iguais, podem se completar sob o ponto de vista energético e emocional.

Como sustentáculo para sua tese, cita **André Luiz**, que afirma, na sua obra “NO MUNDO MAIOR”, capítulo 11:

Erro lamentável é supor que só a perfeita normalidade sexual, consoante as respeitáveis convenções humanas, possa servir de templo às manifestações afetivas. O campo do amor é infinito em sua essência e manifestação.

De qualquer forma, qualquer que seja a situação, de mera simpatia ou de convivência conjugal, da mais simples à mais complexa, é importante muita cautela, para que não se mate o paciente a pretexto de extirpar-lhe o tecido doente.

5

A VIDA ESPIRITUAL

A vida espiritual normalmente se desenvolve ligada a alguma corrente religiosa, numa procura do ser humano pelo seu Criador.

Através dela alcançamos a paz interior dentro da nossa relatividade de espíritos recém saídos da animalidade.

O investimento de energia na atividade espiritual é altamente compensador, pois representa o contato direto da criatura com o Criador, que, se reabastece de energia.

As duas vertentes mais importantes são a atividade espiritual e a vida afetiva, uma porque demonstra a gratidão do ser humano pelo Pai e a procura pela Sua presença, enquanto que a outra atende à determinação de amar os semelhantes.

CONCLUSÃO

Nossa energia é proveniente de uma única fonte, ou seja, o espírito imortal. Pode ser empregada utilmente ou ser desperdiçada.

Essa energia é direcionada mais intensamente para uma das seguintes vertentes, de acordo com a índole de cada pessoa: a intelectualidade, a afetividade, as atividades físicas, a sexualidade ou a vida espiritual.

Os resultados pertencem a cada um.

É importante empregarmos esse potencial energético com conhecimento de causa para vivermos felizes e contribuirmos para a felicidade alheia.

NOTA

[1] **GANDHI** (1869-1948):

(www.geocities.com/fusaoracial/gandhi_mahatma.htm)

Político indiano que liderou o processo de independência da Índia do Império Britânico. Mohandas Karamchand Gandhi, chamado **Mahatma** (aquele de grande alma), nasceu em 1869. Trabalhando como advogado na África do Sul, inicialmente simpatizava com o Império e não servia à causa da independência da Índia. Neste período, Gandhi apoiou as forças britânicas na Guerra dos Boers, de 1899. Os boers eram os colonos brancos descendentes de holandeses e húngaros franceses que haviam conquistado a África do Sul submetendo as nações negras nativas antes da chegada dos britânicos; atualmente são conhecidos como africanos. Para atender as tropas britânicas, Gandhi organizou o Corpo de Ambulância Indiano que contava com 1100 homens. Ele e outros líderes da comunidade indiana local tinham a esperança de que após a guerra os indianos viessem a subir em seu status legal dentro do Império. Porém, derrotados os boers, a comunidade indiana foi mantida na mesma condição, enquanto os britânicos encarregavam-se de sua reconciliação com os boers. Apesar dessa demonstração de o governo britânico estar a serviço apenas dos privilégios dos súditos brancos da rainha Vitória, Gandhi manteve-se na busca de integrar os indianos ao Império, isolando-se das causas dos negros nativos. Em 1906, sob o reinado de Eduardo VII, aceitou o posto de sargento-ajudante e reorganizou o Corpo de Ambulância Indiano em apoio aos britânicos na repressão ao levante zulu que se deu naquele ano. Em Londres, em 1914, o líder indiano pela terceira vez o organizou em função do início da I Guerra Mundial, mas por motivo de saúde não acompanhou o grupo. Gandhi, porém, foi-se frustrando em seu desejo de ser correspondido em sua admiração pelos britânicos, perdendo a esperança de que o governo imperial viesse a tratar aos indianos com equidade em relação aos

brancos. Quando retornou à Índia, em 1915, reinava George V, que visitara esta colônia em 1911. Gandhi já era visto então como um líder nacionalista. Um dos seus maiores desafios estava em unir na campanha pela independência os diversos grupos religiosos da Índia, principalmente os dois maiores, os hindus e os muçulmanos. Pregava a satyagraha (resistência passiva) como forma de luta. Esta estratégia o levou muitas vezes à prisão e a muitas greves de fome. Gandhi era membro do Congresso Nacional Indiano, a maior organização política do país. Em 1942, foi preso por não cooperar na campanha da II Guerra Mundial, sendo solto em 1944. Foi figura central nas conversações que resultaram na independência da Índia, em 1947, durante o reinado de George VI. Gandhi, porém, teve de aceitar a divisão do país e o surgimento do Paquistão, de maioria muçulmana. Esse processo de divisão levou a enormes êxodos populacionais e a atritos entre hindus e muçulmanos, que serviram para minar a saúde de Gandhi. Em 1948, quando fazia uma vigília de oração em Nova Deli, foi assassinado a tiros por um membro de um grupo hindu contrário à aproximação de Gandhi com os muçulmanos. O líder negro estadunidense Martin Luther King inspirou-se na satyagraha e, adaptando-a à realidade dos EUA, adotou a tática da desobediência civil na campanha pelos direitos civis dos negros em seu país. No Brasil, apresenta-se no carnaval baiano um grupo denominado "Filhos de Gandhi". L. A.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ LUIZ, No Mundo Maior. Psicografia de Francisco Cândido Xavier, Rio de Janeiro-RJ: Federação Espírita Brasileira, 1951.
- ASSAGIOLI, Roberto, A Transmutação e a Sublimação das Energias Sexuais "in" A Visão Espiritual da Relação Homem & Mulher. Brasília-DF: Editora Teosófica, 1996.
- CODD, Clara, Um Outro Aspecto do Sexo "in" A Visão Espiritual da Relação Homem & Mulher. Brasília-DF: Editora Teosófica, 1996
- ENCICLOPÉDIA JURÍDICA LEIB SOIBELMAN, Editora Elfez, 1998.
- FRANCO, Divaldo Pereira, Mediunidade - Encontro com Divaldo, São Paulo-SP: Mundo Maior Editora, 2004. • Gandhi por ele mesmo, São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2003.
- GANDHI, Mohandas Karamchand, Somos Todos Irmãos - Reflexões Autobiográficas, São Paulo-SP: Paulus, 1998.
- KARDEC, Allan, O Livro dos Espíritos, Araras-SP: Instituto de Difusão Espírita, 1992.
- KRISHNAMURTI, J., Sobre o Sexo "in" A Visão Espiritual da Relação Homem & Mulher. Brasília-DF: Editora Teosófica, 1996.
- KÜHL, Eurípedes, Sexo - Sublime Tesouro, Belo Horizonte-MG: Editora Espírita Cristã Fonte Viva, 2000.
- NUNES FILHO, Américo Domingos, Sexualidade à Luz da Doutrina Espírita, Rio de Janeiro-RJ: Centro Espírita Léon Denis Editora, 2004.
- ROLLAND, Romain, O Homem que se tornou uma Coisa Só com o Ser Universal, "in" Gandhi por Ele Mesmo, São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2003.
- SANTOS, Jorge Andréa dos, Forças Sexuais da Alma, Rio de Janeiro-RJ: Federação Espírita Brasileira, 2002.